

Restauro da Capela –mor

Retábulo:

O Retábulo do altar-mor é constituído por cinco grandes e belas pinturas a óleo executadas sobre painéis de madeira de carvalho, atribuídos a Lourenço Salzedo. Os temas escolhidos são a Natividade de Jesus, para os três painéis inferiores, dos quais o central desapareceu, e a Paixão de Cristo para os três superiores. A Capela-mor da Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém, ou dos Jerónimos, foi construída entre 1565 e 1572, por iniciativa da Rainha D. Catarina de Áustria (1507-1578), viúva de D. João III, e é um importantíssimo testemunho da arquitectura portuguesa do Séc. XVI. É notável o contraste entre o estilo manuelino da Igreja (nave principal) e o novo estilo, maneirista, da Capela-mor.

Tendo em conta que à data da intervenção tinham passado 428 anos sobre a execução destas pinturas, podemos facilmente imaginar que terão sofrido importantes intervenções e alterações, não só pelo natural envelhecimento mas também provocadas pela mão do Homem. Com efeito, era visível, a quem tivesse prestado atenção, o mau estado destas superfícies pictóricas: encontravam-se muito sujas, com grandes quantidades de poeiras, poluição, teias de aranha, irregularidades, enconchamentos e craquelés e repintes, ceras colas, massas, etc. que ocultavam figuras e modificaram elementos. Para além disto, os vernizes estavam muito escurecidos, retirando também profundidade à pintura. A superfície foi deformada, morreram as cores originais e perdeu-se o traço do desenho. Alterou-se, assim, a visão estética das pinturas. Também no seu reverso, os painéis sofreram graves agressões causadas pela sujidade, poluição, insectos xilófagos, fungos e muitos excrementos de pombos que aí faziam “visitas” permanentes. Tudo isto se reflectia no conjunto e deixava que a degradação se apoderasse dele pouco a pouco. Foram, portanto, estas as razões para se proceder à conservação e restauro deste retábulo.

Por documentação sabemos de duas campanhas de intervenções profundas que se identificaram durante os trabalhos: em 1673/75, feita pelo pintor João Baptista Pinto da França, e, em 1820, executada pelo pintor Inácio Coelho da Silva Valente. Recentemente, outras duas intervenções, em 1930/40 (segundo tradição oral) e nos anos 80, aquando da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, foram levadas a cabo. Testemunha-se, por isso, acrescentos de camadas de pintura (repintes) que ao longo dos séculos nunca foram retiradas. Houve, portanto, que iniciar um caminho inverso ao percorrido até agora, ou seja, para além de todas as operações tendentes à sua conservação (consolidação geral, fixação da capa pictórica, desinfestação do suporte, etc.) foi necessário retirar, capa a capa, tudo o que tinha sido (mal) acrescentado até aos nossos dias.

Nem sempre, e devido aos grandes estragos, este caminho foi possível, mas recorrendo a múltiplos exames científicos, tais como análises estratigráficas, radiografias, reflectografia de I.V., etc., passando pela investigação histórica, e à experiência ao longo de dois anos de trabalhos, foi possível cumprir, em certa medida, o grande objectivo - devolver o máximo de verdade e originalidade à obra; devolver a integridade física e química ao conjunto; devolver os direitos ao seu autor, que tinham sido violados; bem como devolver o direito de observar a obra de Lourenço Salzedo a todo o público.

Limpeza e tratamento da pedra:

Após a conclusão da limpeza das pinturas da Capela-mor, verificou-se que a correcta valorização do retábulo não estaria completa sem antes se proceder à limpeza e conservação do conjunto pétreo. O jogo de luzes e cores do monumento não se encontrava evidenciado pela variedade de mármore e calcários, devido a uma concentração de poeiras e sujidade, agregadas com uma camada de cera antiga. O escurecimento dos mármore nacionais de Estremoz (rosas, brancos e cinzentos) e calcários de Sintra (Lioz e Encarnadão) não permitia obter uma noção correcta dos volumes tipicamente Maneiristas, onde se destacam os conjuntos de cornijas e molduras. Procurou-se restabelecer a integridade cromática destes elementos pétreos através da limpeza e do tratamento das superfícies, removendo todos os materiais que, de alguma forma, afectavam física e esteticamente a obra.

O tecto da Capela-mor apresenta uma solução curiosa, no que respeita à leitura dos caixotões, recorrendo-se ao douramento da moldura externa, de forma a realçar a profundidade dos mesmos. Outrora, numa anterior intervenção de restauro, optou-se por alterar a leitura estética do tecto, retirando a importância ao ouro, talvez por este se encontrar com muitas lacunas, e recorrendo a um desenho de esquadria com cimento Portland betumado sobre as juntas. Na última intervenção, optou-se por eliminar nos caixotões as divisões em quadrícula, marcadas a cinzento, e restabeleceu-se a leitura de volumes e de profundidade, através da limpeza e fixação do ouro.

De modo a evitar as quebras de leitura e a destacar o aspecto monolítico e imponente da obra, considerou-se essencial remover todas as argamassas que, pelo seu estado de conservação ou pela sua tonalidade, não se encontrassem adequadas à cromaticidade do conjunto. A solução consistiu em refechar as juntas com argamassas tradicionais, adaptadas à tonalidade dos mármore, para assim se tornarem imperceptíveis na leitura do conjunto. Procurou-se também devolver a importância a certos elementos escultóricos que, até à data, tinham sido desvalorizados, através da aplicação de um tratamento de superfície nos túmulos e no jogo de colunas dóricas e coríntias.

Texto (adaptado) de Fátima Llera

O restauro das pinturas do retábulo da capela-mor contou com a Fundação do Banco Comercial Português, como mecenas exclusivo.